

FALAR CERTO E FALAR ERRADO

Muitos pensam que existe falar ou escrever certo e falar ou escrever errado em uma língua, ou que exista uma linguagem padrão. Mas, afirmo que não existem erros em língua falada ou escrita, ou que exista uma linguagem padrão. O padrão de uma linguagem é a comunicação e o que existe é o falar de acordo com a imposição de uma classe social dominante para discriminar socialmente as pessoas. Para não complicar, não diferenciarei língua e linguagem, apenas aponto que linguagem tem uma extensão maior do que língua.

Então, quando falamos de acordo com a língua oficial estamos conforme a imposição da classe social dominante, representada, no caso, pelos intelectuais. Mas, falar “nóis vai”, “nóis foi”; “cunzinhá”, “ponhá”, “brusa”, ou escrever “oje”, “ezato” “xurrasco”, “sinco”, etc., rigorosamente, não está errado. Ou então, pedir “me dê o pão para mim comer” ou invés de dizer “Dê-me o pão para eu comer” também não estaria errado. Apenas a primeira frase não está de acordo com algumas regras da língua oficial, imposta pelos linguistas, que afirma que não se começam frases com pronomes do caso oblíquo e que, ao referir-se a ações executadas, devem ser usados pronomes do caso reto. Mas, se as pessoas conseguem se comunicar assim, ótimo, porque em linguagem não existe falar ou escrever errado. Na linguagem o que existe é comunicação ou ruído (não-comunicação). De que adianta um suposto intelectual fazer um discurso com linguagem, dita erudita, por exemplo, para operários? Nada! Pois, não conseguirá se comunicar e, provavelmente, os ouvintes somente ouvirão ruídos. Sempre afirmo que o bom comunicador é aquele que usa um dialeto para cada situação. O dialeto pode ser o culto, o familiar ou o popular. Na academia usa-se um dialeto, dito, culto; os apresentadores de rádio e TV’s usam um dialeto chamado de familiar e, na maioria das comunidades, usa-se um dialeto chamado de popular.

Certa vez quando afirmei, em sala de aula, que não existia falar certo ou errado, um aluno ponderou que a destruição de uma nação começa pela destruição da língua. Respondi-lhe que, segundo essa afirmação, poder-se-ia inferir que a destruição do império romano se deu porque a plebe rude não falava o latim clássico. Minha mãe usava uma expressão mais rude para classificar essas falsas relações causais, mas eu não a escreverei aqui. Porém, é certo que o português, o espanhol, o francês, o romeno e o italiano nasceram do “falar errado” o latim clássico. Se a ralé não falasse “errado” o latim clássico, tais línguas não existiriam.

Então, embora seja ideológica tal recomendação, nas escolas devemos escrever e falar um dialeto o mais próximo possível da língua oficial e nas comunidades falamos o dialeto delas. Lembrando ainda que nunca falamos como escrevemos, nem escrevemos como falamos.

Antonio Carlos

Toledo (PR), abril de 2007.